

Uma provocação: quando nós, educadores, explicamos o sucesso como decorrente da nossa ação pedagógica e o fracasso escolar como resultado de intervenções “de fora” ou como “problema individual”, não estamos contradizendo o nosso ofício? Quando reputamos o fracasso como efeito de algum problema individual e anterior do(a) adolescente ou do(a) jovem, não estaremos nos isentando da responsabilidade sobre nossa ação profissional? E, quando acreditamos que aquelas formas de pensar e agir são verdadeiras, o que fazemos para alterar o quadro cumulativo?

*O profissional da educação é autoridade quando coloca em cheque antigas concepções, quando fortalece sua autoridade em bases democráticas, quando revê suas noções de infância, adolescência e juventude entendendo que na escola o/a estudante vive um **tempo de preparação para sua vida adulta.***

Construir relações democráticas na escola e na sala de aula, analisar com o coletivo as manifestações de violência, indisciplina e os meios para superá-las, ajudam a boa convivência, a instauração da confiança e a busca do conhecimento para entender a adolescência, a violência e a indisciplina.

O entendimento das questões de violência e indisciplina reside na força dos acordos coletivos a respeito de como será a convivência na escola. Não se trata de elaborar listas do que os(as) estudantes podem fazer, ao contrário, trata-se de criar condições para que todo o corpo docente e discente se comprometa com o trabalho de análise e construção de rumos para uma melhor convivência na instituição.

* **ABERASTURY**, Arminda (1981) Adolescência normal – um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artes Médicas.

D.O.E. 19/05/2016 – PAG 69 – SEÇÃO I

Despachos do Secretário, de 18-5-2016

Protocolado: 86/0001/2009

Interessado: Centro do Professorado Paulista - CPP

Assunto: Afastamento/Solicitação.

Diante do que consta no presente expediente, e considerando as disposições do artigo 69 da Lei 10.261/68 e Decreto 52.322/69, autoriza, nos termos propostos, o afastamento de docentes da rede pública estadual de ensino para participarem do Encontro Educacional, no dia 03-06-2016, com o tema: “Escola: um espaço acolhedor”, promovido pelo Centro do Professorado Paulista - CPP.

Presidente do CPP: Professor José Maria Cancellero

Organização e redação: Maria Claudia de Almeida Viana Junqueira

Revisão: Antonia Amorim Alves. **Layout:** Adriana Lúcia Rodrigues



Edição nº 19

**Representantes
de
Escola**

Ano 2016

Pauta

Encontro dos Professores

1. Abertura
2. Sessão de Estudo: “Escola: um espaço acolhedor”
 - 2.1. Palestra ministrada pelo Juiz de Direito Marcelo Nalesso Salmaso e a Diretora do Laboratório de Convivência e Consultora do TJ-SP, Mônica Mumme (Coordenadoria da Infância e Juventude para Implementação da Justiça Restaurativa)
 - 2.2. Debate
3. Avaliação do Ato Público do dia 29 de abril
4. Departamento Jurídico
 - 4.1. Encerramento de Propositura da Ação da 6ª Parte
 - 4.2. Docente ingressante - correto enquadramento
 - 4.3. Mandado de Segurança Coletivo - faltas injustificadas - descontos antes da decisão final do pedido de licença Saúde
 - 4.4. Mandado de Injunção visando recomposição salarial - inflação
5. Procuradoria
 - 5.1. Concursos Públicos
 - 5.2. Secretaria Escolar Digital
6. Eleições no CPP
7. Outros assuntos

Violência e indisciplina: o olho do furacão

A violência e a indisciplina não são fenômenos recentes embora essas manifestações, atualmente, tenham lugar de destaque na escola e na sociedade.

A violência no decorrer de séculos, quer tenha sido praticada pelo Estado ou suas instituições, pelas classes dominantes, grupos ou indivíduos, deixou e deixa cicatrizes profundas em toda a história da humanidade, afetou e afeta particularmente a população mais pobre de todo o planeta.

Os estudos no Brasil mostram que as manifestações de violência e indisciplina na e da escola têm alguns aspectos semelhantes aos de outras partes do mundo, entretanto, algumas ganham o colorido da nossa cultura e da nossa realidade social. Em cada momento da História, podemos constatar diferentes aspectos do problema, pois, como vimos, eles são fruto da época, ou seja, do contexto histórico.

Na década de 70, os castigos físicos e morais infligidos pelos professores e professoras aos **estudantes** eram o foco da “disciplinarização”. Em décadas posteriores, os atos de violência por parte dos estudantes manifestaram-se principalmente nas depredações aos prédios e equipamentos escolares, e, também, nas brigas entre gangues e nos problemas decorrentes do tráfico e consumo de drogas lícitas e ilícitas.

Entretanto, existem formas de violência que, às vezes, não são tão explícitas quanto uma agressão física ou contra um patrimônio público - é a chamada de violência simbólica. Hoje, ela se manifesta de diferentes formas, por exemplo: em muitos discursos do governo ou membros da sociedade, apontando injusta e cruelmente os/as profissionais da educação como responsáveis pela crise da escola pública. Essa atitude corrói a **autoestima** não só dos educadores e educadoras, mas dos(as) estudantes. O discurso do Secretário da Educação defendendo o descompromisso do Estado para com a Educação e a Escola Pública, é outro exemplo de violência simbólica contra aqueles que lá trabalham e estudam.

Na escola é mais comum, ao analisarmos situações que consideramos violentas ou de indisciplina, focarmos naquelas que a integridade física ou moral é afrontada de forma explícita. No entanto, a violência simbólica não é incomum, ela está presente no cotidiano, por exemplo: quando o potencial dos(as) estudantes e/ou profissionais da educação é colocado em dúvida, ou ainda todas as vezes que não há empenho para que todos e todas participem das atividades escolares e mais: quando não são valorizados os conteúdos por não acreditarmos que eles farão diferença para quem ensina e estuda.

As instalações, os equipamentos e os materiais escolares também podem revelar a violência e/ou indisciplina quando não são cuidados, preservados, a fim de tornar o ambiente agradável para a convivência.

Se é que podemos estabelecer um ranking, a maior violência que pode acontecer na escola é quando ela não cumpre seu objetivo básico: formar **cidadãos e cidadãs responsáveis**, protagonistas, aqueles que **amam aprender**.

Ao identificar os atos de violência e indisciplina na escola e na sala de aula, alguns profissionais da educação concentram-se mais na identificação do “culpado” e nas consequências diretas do ato do que na sua extensão, inclusive a longo prazo, ou na análise mais aprofundada do episódio, ou seja, arranham a superfície do problema.

Para saber mais a respeito das razões de qualquer manifestação de indisciplina e/ou violência, a análise do contexto, das ramificações, dos envolvidos, é importante. Para entender e construir ações no sentido de minimizar o problema, o **diálogo** é imprescindível.

Dentre as perguntas que precisamos fazer a nós mesmos ou ao grupo quando queremos

reverter a situação-problema, podemos destacar: existe ligação entre a violência/indisciplina e o fato de muitos estudantes não conseguirem concluir satisfatoriamente sua jornada escolar? Existe relação entre o clima de violência e indisciplina e o que chamamos de “fracasso escolar”? Crianças, adolescentes, jovens e adultos, os nossos estudantes, são ouvidos a respeito do assunto? Contextualizamos o problema ao discuti-lo na escola? Culpamos ou nos abrimos à escuta?

*Na noite, as estrelas por sobre as cabeças
faiscando, o jovem marcha: para onde?
Carl Sandburg.*

Hoje, os jovens são uma das maiores preocupações da sociedade, dos governos e organismos internacionais. Isso se deve ao fato da existência de consenso a respeito deles se encontrarem dentre os grupos sociais mais atingidos pelas mudanças e atos de violência ocorridos no nosso tempo. Quem são eles? O que os faz ser quem são? Para onde caminham?

Segundo Aberastury, o que caracteriza a adolescência é a necessidade que a pessoa tem de começar a fazer parte do mundo adulto. Os conflitos surgidos na adolescência possuem raízes nas dificuldades que os/as jovens têm para ingressar nesse mundo. Por outro lado, eles também são decorrentes das dificuldades do adulto para dar passagem a essa nova geração. Para a autora:

“Literalmente, adolescência (latim, adolescência, ad: a, para a + olescere: forma incoativa de oler, crescer) significa a condição ou processo de crescimento. O termo se aplica especificamente ao período da vida compreendido entre a puberdade e o desenvolvimento completo do corpo, cujos limites se fixam, geralmente, entre os 13 e os 23 anos no homem, podendo estender-se até os 27. Embora se costume incluir ambos os sexos no período compreendido entre os 13 e os 21 anos, os fatos indicam que nas adolescentes se estende dos 12 aos 21 anos, e nos rapazes dos 14 aos 25 anos em termos gerais.” (Aberastury, 1981, cap. 6, p. 89).*

Dentre as muitas pressões sofridas por aqueles e aquelas que estão na adolescência, destacamos o apelo contínuo para que se consuma mais, o apelo para o uso de drogas lícitas e ilícitas, as rápidas mudanças tecnológicas, o desemprego e a própria banalização da violência. Esse cenário permeia a vida cotidiana, causa a sensação de que não são capazes de controlar as suas vidas, de que não é possível atuar nos destinos da sociedade. E tanto o/a pré-adolescente, como o/a adolescente e o/a jovem querem ser **protagonistas**.

A personalidade dos(as) adolescentes e jovens está em formação, isto é, eles estão vulneráveis tanto aos conflitos causados pela necessidade de impor-se no mundo adulto, como em relação às pressões do mundo contemporâneo.

Na escola que incentiva os processos de **auto-organização**, de construção da autonomia, de **produção de conhecimentos** a respeito da realidade, os/as estudantes se envolvem mais com a proposta política-pedagógica da instituição e a possibilidade de confrontos significativos é menor.

Contudo, existem escolas onde o cenário é outro. Ela mesmas, no século XXI, têm muitas semelhanças com as do séculos passados, como: as relações hierarquizadas, as carteiras enfileiradas na sala de aula, as aulas centradas no giz e lousa. Essas escolas que trabalham com o conhecimento de forma estanque, disciplinar, distante do conhecimento vivenciado, acabam por contribuir para as manifestações de violência e/ou indisciplina, e cercearem o **vir-a-ser** do/a estudante.

O formato “escola antiga”, tanto quanto o da instituição que busca democratizar as relações e afirmar a importância do saber e a realidade vivida influenciam as relações e a maneira como o/a estudante vê o seu **papel social**, o da escola e o do/da profissional da educação.